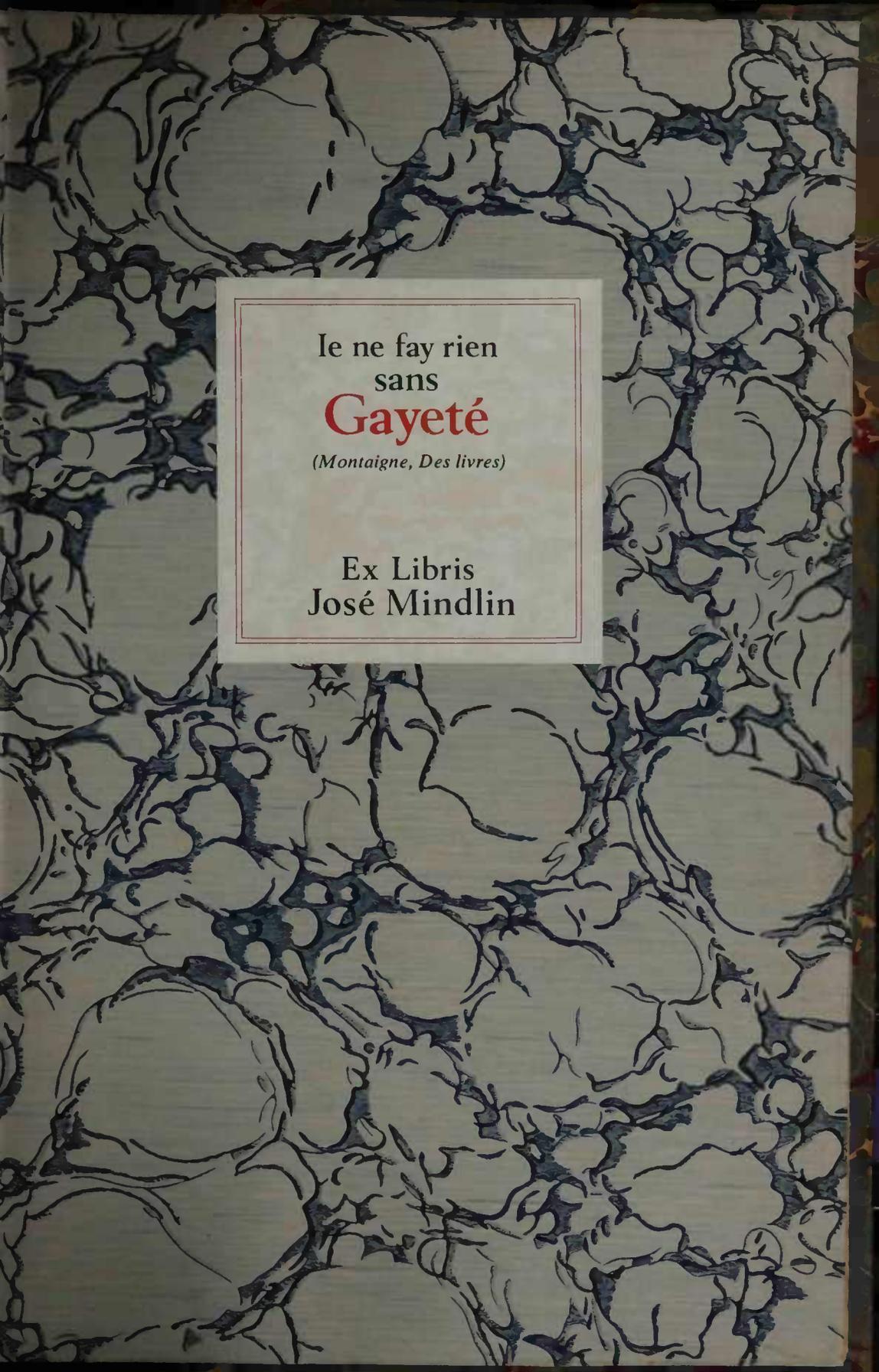


ENCADERNAÇÃO  
VALLELE  
JOSÉ LINO  
MARTINSCA  
R. CARMO 63  
TEL. 23-2412  
RIO



ALVARO  
MOREYRA



Le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



CARTA

SOBRE A

LITTERATURA BRAZILICA



RIO DE JANEIRO

TYP. DE J. A. DOS SANTOS CARDOSO, RUA DE GONCALVES DIAS N. 60.

—  
1869.



# PREFACIO



Lendo no jornal *Correio Pernambucano* a carta, que a um collega de estudos na Faculdade de direito do Recife dirigio o joven cearense Tristão de Alencar Araripe Junior, achamos nella notaveis bellezas, e brilhantes lampejos do talento, que se revela diligente no estudo, e animado pelo amor das cousas de sua patria.

Resolvemos-nos pois a tirar a carta do jornal, em que foi publicada, para este folheto. Assim mais detidamente poderá ser apreciada a tendencia, que julgamos util, e que a carta discute, de nacionalisar, ou *americanisar* a nossa litteratura, tratando de assumptos patrios, tão susceptiveis do *grande e bello*.

O novo campo da America, cheio de seiva, convida a mais abundante colheita do que o explorado terreno da velha Europa tão revolvido e exgotado para as novidades.

Rio, 12 de agosto de 1869.



# LITTERATURA BRAZILICA

(Carta a J. Leandro M. Soares)

Li a tua carta em o n. 4 do *Liberal Academico*, e nella tive o grande prazer de apreciar devidamente as idéas que professas em materia de litteratura; e tanto mais me satisfizeram essas idéas, quanto são approximadas ao meu modo de pensar acerca de nossas lettras.

Já o anno passado, publicando um artigo sobre os *Contos da Roça* do Sr. Emilio Zaluar, tive occasião de manifestar os meus sentimentos a respeito dessa litteratura, entre nós ainda em germen, a qual os encarniçados apologistas dos enxertos litterarios tão obstinadamente teem procurado estigmatizar com o ridiculo epitheto de *cabocla*.

Com effeito, não será, despresando o que de mais bello e inspirador existe em nossos climas, que havemos de sacudir com o jugo das impressões importadas do velho continente. Trilhando verêda, tão diversa daquella que deveríamos seguir, nunca chegaremos a proclamar a nossa emancipação.

Quão longe não estamos ainda de ver eliminado de nossas composições o—*superfin garanti*—dos francezes!

Por ora, meu amigo, são raros os exploradores dessas riquissimas minas do Novo Mundo, que a tão poucos teem deslumbrado.

O *Eldorado* em litteratura a um ou outro tem seduzido até hoje; para elle não apparecem avidos Castelhanos.

A poesia, entretanto, no meu fraco pensar, não pôde deixar de ceder, ou mais cedo ou mais tarde, á influencia do clima, do aspecto do paiz e da indole de seus primitivos habitantes.

Ahi é onde existe a verdadeira fonte das inspirações, que não são filhas (deixa assim expressar-me) de uma mera convenção.

Querer o contrario é querer suffocar no berço uma litteratura, que pôde ter para o futuro um grandiosissimo desenvolvimento.

« A America, » disse um estrangeiro que entre nós viveu e dedicou a maior parte de suas lucubrações ao Brazil e as suas lettras, « a America, no viço da juventude só deve ter pensamentos novos e energicos como ella propria; não é possivel que as glorias litterarias da França venham illustral-a com os raios de uma luz, que se enfraquece atravessando os mares, e dever-se-ha um dia dissipar completamente diante das inspirações primitivas de uma nação cheia de energia. »

Se é reconhecida a sinceridade que reçumam as palavras do sympathico estrangeiro, porque não se ha de levantar uma cruzada contra os apologistas de uma propaganda, que nos tyrannisa?

Deixemos á antiga Grecia os seus risinhos bosques povoados por nymphas e satyros, as suas musas e os seus deuses, os seus heroes e os seus pastores; as suas montanhas e as suas fontes; não passem da India as suas extraordinarias crenças, a sua ruidosa theogonia e as lutas estupendas de seus semi-deuses, de que são verdadeiros interpretes os *Vedas*, o *Mahabarata* e o *Sacountala*; fique a Allemanha com a sua atmosphaera carregada, cas inspirações sombrias, que lhe produziram o *Fausto* e o *Werther*; permaneçam na Italia os pallidos gondoleiros, o seu azulado céu e a sua poesia scismadora; não transponha os montes da Escossia o écho dos mysteriosos cantos do bardo de Morven; deixemos, afinal, á França a sua litteratura multiforme, porque novos e brilhantes mundos se patentearam aos vãos da poesia, desde que Colombo, transpondo as balisas da velha navegação, e atirando-se aos tenebrosos mares do occidente, franqueou um immenso estadio ás imaginações ardentes e aos espiritos emprehendedores.

De impressões completamente estranhas, de uma natureza tão cheia de esplendores como a da America, dessas florestas seculares, desses rios colossaes, não deve por certo surgir senão uma litteratura original, melancolica e ao mesmo tempo pasmosa, impregnada desse poderosissimo sentimento religioso, que por si só se expande toda vez que o homem curva-se ante o Senhor, abysmado pelos portentos da criação.

Poesia soberba! poesia filha do assombro e da admiração!

Foi da contemplação dos magnificos espectaculos do encantado Novo Mundo, que nasceram os Ercilla, os Chateaubriand, os Cooper, os Durão e os Basilio da Gama.

São poucos para tão fecundo manancial, mas são sufficientes para provar até onde pode chegar o arrojo daquella poesia, e môstrar em que consiste essa maravilhosa fonte de inspirações americanas, que para o futuro deverão formar uma inexcedivel litteratura.

Só em suas obras poderemos encontrar o verdadeiro sentimento das bellezas naturaes. Tudo ahi é admiravel, desde o entusiasmo da composição, até a mais pequena insinuação do estylo.

Realmente nada pôde existir de mais delicado do que a natureza americana debaixo de seus pinceis. Que perfume! que vago scismar! que mysterios! que vagas harmonias! que brilhantes côres! que deliciosas paisagens!

Onde vamos encontrar maiores bellezas poeticas, que possam exceder a essas discripções cheias do calor do genio que as anima, quando reproduz a natureza, onde transparece a cada passo o espirito do Deus que lhe dá vida!

Não me canso em contemplar tão perfectos trabalhos artisticos.

Abramos, pois, meu amigo, a *Atala* de Chateaubriand, e extasiemo-nos um pouco diante de suas paginas.

Eis o *Meschacebé* que se desenrola diante de nossos olhos, soberbo e magestoso, como se nosso espirito,

por um poder sobrenatural, pairasse sobre os paramos e selvas da florescente America do Norte. O Nilo, o Ganges, o Amour e o Danubio cedem-lhe a palma. Lá atravessá elle, indomito e arrojado, as vastas regiões da Luiziania, fazendo curvar-se ao seu poderio o Ohio, o Illinois, o Missouri e o Arkansa.

Mais adiante. Que phantastico vulto é aquelle que o poeta faz, com o magico poder de sua imaginação, surgir, boiar entre espumas, e derivar silenciosamente ao som das aguas, iguaes ao crystal na limpidez?

São miraculosas ilhas de verdura, cobertas de rosas e nenuphares e formadas do limo e residuos das florestas desarraigadas pelo vendaval; são, no dizer do melodioso cantor, verdadeiras caravelas floridas, onde se embarcam os crocodilos, os lagartos, os mais terriveis amphibios, as mais lindas e chilreadoras ayes, como se demandassem, quaes novos colonos, as pacificas angras do rei fluvial para nellas fundar o seu reino, ou o seu imperio.

Mais abaixo.

Lá corre a gigantesca serpente colleando por entre as columnatas das escuras e silentes florestas, onde se divisam apenas aqui e acolá um ou outro tumulto indigena, que atteste a vida no deserto. Que magestosas margens se avistam mais ao longe! que lindas savanas! que luxuriante vegetação! Parecem antes ondas de verdura impellidas pelo vento do que vastissimos campos, por onde uma impectuosa civilisação deveria, em algum dia, derramar os beneficos resultados da actividade humana.

Aqui são prados interminaveis coalhados por alluviões de bufalos e de toda a casta de animaes. Alli destacam-se varios vultos de montanhas acroceraunias, de onde pendem arvores seculares, sobre as quaes vão se erguendo ricos festões de flores, tão rescendentes de perfumes, tão variados nas côres, e afinal tão elevados que « fazem cansar a vista de quem os contempla. » Engradam-se entre si, e formam sobre o rio, sobre as cascatas, sobre os rochedos, labyrinthos e pontes naturaes

tão bellas, como se a imaginação a mais engenhosa os planejasse, e o mais habil artista executasse.

Além, outra vez, só se distinguem os pardacentos troncos dos arvoredos. Todo o reino animal acolá se concerta em um hymno eterno e immutavel para festejar o Creador do Universo.

Buffon, collocando o seu pavilhão de estudo no meio destes esplendidos jardins, seria capaz de esquecer-se até da propria vida.

Finalmente, que volumosa cabeça é aquella que se mostra no meio de um molho de juncos e flores aquaticas.

« E' um bufalo, » responde o autor dos *Natchez*, « é um bufalo, vergado ao peso dos annos, que, fendendo as aguas a nado, veio deitar-se no meio dos hervaçoes de uma ilha do *Meschacebé*. Ao vermos-lhe a fronte armada com dous crescentes, e a velha barba cheia de limo, diriamos ter ante os olhos um deus fluvial, que lançasse porventura a vista satisfeita por sobre a grandeza de suas aguas e a selvagem abundancia de suas margens. »

Mais não era possivel dizer acerca do sumptuoso rio americano, cuja brilhante descripção acaba de resumir ou antes reproduzir sob uma fórma differente: seria exceder a propria natureza, inexaurivel, quando ostenta as suas galas e thesouros.

Quem deixará de extasiar-se na leitura de paginas tão vivas e cheias de gradeza?

Aválio por mim, e respondo:—ninguem!

Folhemos agora, meu amigo, a primeira obra de Fenimore Cooper que encontrarmos debaixo das mãos. Continuemos no aprazivel passeio, em que me honraria de ser teu *cicerone*, se já te não fossem familiares a maior parte destas cousas, que me convém antes mostrar, acompanhado de verdadeira admiração, do que nellas fallar sem sentimento, sem o ardor que enthusiasma.

Não sei onde iremos deparar com bellezas e thesouros mais deslumbrantes, do que os que nos são revelados por aquella imaginação fecunda e inspirada por uma natureza mais fecunda ainda.

As paisagens do Novo Mundo sob o pincel do autor do *Ultimo dos Mohicanos* vivem e animam-se sobre a t ela como se uma fada tocasse-a com a sua varinha m agica, e fizesse surgir um desses magnificos e fantasticos quadros t ao frequentes nas *Mil e uma noites*.

O *Glenn*, raivoso, espumante, precipitando-se dos rochedos, arrancando, em sua furia, os fraguados que formam as pendas das catadupas, illuminado e colorido pelos raios de uma mente divina,   um verdadeiro portento artistico. Não   são um rio caudaloso :   o genio das aguas, atacado de ins ania, atravessando e deitando por terra todos os lanços de florestas, que lhe embargam a ruidosa passagem.

Neguemos tudo, menos a grandeza desses riquissimos quadros, que se desenrolam ao leitor durante todo o curso da poetica historia do *Olho de sap o*.

Ha nada mais scismador do quê esse *Glimmerglass*, que faz romper dos frementes labios de Henrique March, a seu pezar, uma ardente exclamação de surpresa ? E Henrique o sympathico mancebo, o typo do entusiasta por tudo quanto ha de magestoso na brilhante natureza que o cerca, nessa natureza que para elle   uma verdadeira religião, e para quem o amor   impossivel, porque a vida rude das selvas com todas as suas impressões e perigos o absorve, onde poderá encontrar caracteres t ao originaes como o seu, senão nas duas excentricas filhinhas de *Tom Hutter*, o enigmatico habitante do lago !?

*March*   a civilização assombrada e reverente ante a magestade das selvas americanas :   a união da intelligencia desenvolvida do homem culto com a sagacidade invencivel do selvagem. *March*   a crea o mais bella que p de sahir da mente de *Cooper* para animar as solidões do Novo-Mundo. Para elle o *Glimmerglass*   um perfeito escabello d'onde se elevam até o Senhor as suas rusticas, porém fervidas orações. E com effeito, que de magnificencias não se encerram neste sacrario augusto, em que apenas uma familia ignorada do mundo vem quebrar a monotonia e o mutismo das aguas crystallinas, onde se perde o frouxo clar o da pallida lua.

A rainha da noite suspende-se, de vez em quando, vagarosa no horisonte, para clarear a natureza, só a natureza, nestas paragens. Os seus raros habitantes em certas occasiões parecem ter desaparecido da terra.

As florestas negras que orlam o lago contrastam o seu aspecto sombrio com o resto da paisagem; aqui e acolá pelas margens distinguem-se alguns brazidos quasi extinctos; são selvagens que invisíveis espreitam dos recessos do bosque alguma victima, que descuidada singra em debil piroga as aguas do *Glimmerglass*.

Tudo alli é melancolia, tudo é saudade. Aqui vê-se um immenso espelho reflectindo o céu com suas estrelas, e a grandeza do Creador; alli uma barca desdobrando as velas ás frescas aragens que a impellem de um extremo a outro; lá no meio das aguas um castello de madeira, triste e sombrio, que boia sobre o liquido como uma gaivota isolada e sem amores; além, afinal, intermináveis labyrinthos onde mal se destacam os troncos colossaes de entre os sipós e as palmeiras, que ensoberbecem a immensa floresta, onde só habita « esse silencio cheio de vozes harmoniosas » de que tanto falla o autor do *Corsario Vermelho*.

Basta, entretanto, de apreciar Cooper.

Corramos agora, velozes como o pensamento, ás paginas de uma das obras mais originaes que povôam as nossas bibliothecas. E' o *Guarany*. Aqui trata-se de uma natureza mais vigorosa ainda, a natureza dos tropicos.

A America do Norte deixa-se equiparar á America do sul. Chateaubriand e Cooper acham um rival.

Penetremos no portico do edificio, e por elle avaliemos o valor artistico do resto da obra na sua parte descriptiva.

Vejamos. Eis o *Paquequer* que se desenrola ante nossos olhos com a mesma magnitude do *Meschacebè* na Luisiania.

Seria bastante a descripção deste rio para dar um interesse litterario áquelle romance brasileiro, se o indio, os seus costumes, a sua vida errante e seu caracter alli

não apparecessem tão bem idealizados, como poucos até hoje o tem conseguido.

A descripção do *Paquequer* pela penna de J. de Alencar, colloca-se a par das melhores que tenho lido neste genero; tal a viveza do colorido, tal a riqueza dos interessantes incidentes, tal o vigor da phrase no decurso de todo o trecho que a elle se refere!

Mas, para que me hei de cansar na apreciação de um objecto que tão perto nos fica? Leiamos e admiremos com os nossos proprios olhos (consente que assim me expresse) o primor artistico com que enceta o autor o primeiro capitulo do seu romance.

« De um dos cabeços da *Serra dos Orgãos* deslisa um fio d'agua que se dirige para o norte, e que, engrossando-se com os mananciaes que recebe no seu curso de dez leguas, torna-se um rio caudal.

« E' o *Paquequer* que, saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois espreguiçar-se indolente na varzea, e embeber-se no *Parahyba*, que corre magestosamente em seu vasto leito.

« Dir-se-hia que, vassalo e tributario desse rei das aguas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés de seu suzerano.

« Perde então toda a sua belleza selvagem; suas ondas vão calmas e serenas como as de um lago; e não se revoltam contra os barcos e as canôas que resvalam sobre ellas: escravo submisso soffre o latego do senhor.

« Não é neste lugar que se deve vê-lo; é sim tres ou quatro leguas acima de sua foz, onde é livre ainda como o filho indomito dessa terra de liberdade.

Ahi o *Paquequer* lança-se rapido sobre o seu leito, e atravessa as florestas como um tapir, espumando, deixando o seu pello esparso pelas pontas dos rochedos, e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira.

« De repente falta-lhe o espaço, foge-lhe a terra; o soberbo rio recúa um momento para concentrar as suas fôrças e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a presa.

« Depois, fatigado deste esforço supremo, estende-se sobre a terra, e adormece n'uma linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como em um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e de flores agrestes.

« A vegetação nessas paragens ostenta todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendem ao longo das margens do rio, que corre no meio de arcarias de verdura, e dos capiteis ornados pelos leques das palmeiras.

« Tudo é grande e pomposo neste scenario, que a natureza, sublime artista, decorou para os dramas magestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa. »

Este quadro é lindo, porque é natural; pomposo, americano, porque a cada passo vemos nas pedras, nas flores, na copa das arvores, nos repuxos das cascatas, iriarem-se os raios do ardente e vificante sol dos tropicos, que inspira a mente do poeta.

O autor ahí realisou verdadeiramente aquillo que, um dia, enthusiastado pelas bellezas de sua patria, disse nas suas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos* a respeito do character da poesia americana.

Esqueceu com effeito todas as suas ideias de homem civilisado, e como o *Henrique March* de Cooper indentificou-se com a natureza que o cercava.

E tudo isto é grande, e tudo isto é soberbo pela simples razão de que só a America é capaz de produzir tão ricas paginas.

Uma unica descripção neste genero tenho eu encontrado, fóra das inspirações do grande mundo de Colombo, que possa rivalisar com a do *Paquequer*, com a do *Glenn*, ou com a do *Meschacebé*; é a do *Salia* no *Eurico* de Alexandre Herculano.

Sou capaz de jurar que a imaginação do poeta neste ponto deixou-se primeiro abraçar pelos raios emprestados do sol tropical, para depois então derramar em turbilhões de luz as bellezas, que pejam as duas folhas divinas, nas quaes soube tão bem encastoar a sua descripção.

O *Salia* é um rio americano, que Alexandre Hercu-  
lano pelo poder de seu genio transportou do novo conti-  
nente para as terras do pequeno Portugal. Desador-  
nem-se as suas margens dos carvalhos e robles, em seu  
lugar appareçam mais verdejantes bosques, e a illusão  
será completa.

O verdadeiro rio não podia de certo vigorar-lhe  
tanto a faculdade descriptiva sem auxiliares mais po-  
derosos.

Entretanto os effeitos vertiginosos da torrente não lhe  
escapam; o poeta, concentrando todas as forças de seu  
talento sobre o leito do rio, faz com que d'ahi jorrem  
em borbotões as imagens mais sublimes, que é possível  
crer na pintura de medonhas grotas, penhas escavadas,  
e barrancas carcômidas pelas aguas e prestes a esbo-  
roarem-se sobre esses olheirões de espumas, que pas-  
sam lá em baixo no abysmo, deslumbrando a vista, e  
lançando o terror na alma do pobre viandante, que  
d'elle se aproxima sem temer-lhe a sanha.

Não posso deixar de ceder a tentação de ler-te a  
maravilhosa descripção de que fallo. Perdôa mais uma  
vez este capricho de *dilletante*, e verás se tenho ou não  
tenho razão.

« Apertado entre ribas fragosas e escarpadas, sen-  
tia-se mugir ao longe com incessante ruido. A espaços,  
destorcendo-se em milhões de fios, despenháva-se das  
catadupas em fundos pegos, onde refervia, escumava e  
golfando em olheirões, atirava-se, atropelando-se a si  
mesmo, pelo seu leito de rochas, até de novo tombar e  
despedaçar-se no proximo despenhadeiro. Era o *Salia*,  
que de quêda em quêda, rompia d'entre as mon-  
tanhas e se encaminhava para o mar cantabrico.  
Perto ainda das suas fontes, o estio via-o passar pobre  
e limpido, murmurando a sombra dos choupos e dos  
carvalhos, ora por meio das balsas de carrascos e sil-  
vados, que se debruçavam aqui e acolá sobre a sua cor-  
rente, ora por entre penedias calvas ou correjos este-  
reis, onde em vão tentava, estrepidando, recordar-se do  
seu bramido do inverno. Mas, quando as aguas do céu

começavam nos fins do outono a fustigar as faces pallidas dos cabeços, a óssada núa das serras, e a unir-se em torrentes pelas gargantas e valles, ou quando o sol vivo e o ar tepido de um dia formoso derretiam as orlas da neve que pousava eterna nos picos inacessiveis das montanhas mais elevadas, o Salia precipitava-se como uma besta-fera, raivosa e, impaciente na sua superba, arrancava os penedos, alluia ás raizes das arvores seculares, carregava as terras e rebramia com som medonho, até chegar ás planicies, onde o solo o não comprimia e o deixava espriar-se pelos paúes e juncaes, correndo ao mar, onde, emfim, repousava, como um homem completamente ebrio que adormece, depois do bracejar e lidar da embriaguez. »

Incontestavelmente a natureza tem uma influencia poderosissima sobre as imaginações; e tanto mais isto se verifica quanto ella é rustica e selvagem.

E por esta razão teem sido os poetas americanos verdadeiramente os mais originaes d'estes ultimos tempos.

Durão, Bazilio da Gama e outros, se são poetas admiraveis, devem-no ao nobre e patriotico impulso, que fez com que elles desprendessem os seus vóos do Pindo para virem poisar nos Andes. O primeiro abandona a mythologia e canta o *Caramurú*; o segundo sae da Arcadia e deixa de ser *Termino Sipilio* para entoar os cantos do *Uruguay*, que como elle proprio preyio, o haviam de levar a prosteridade.

O Brazil e suas vastas regiões, vistas pelos prismas de seus bellos versos, deslumbrariam a Europa com as suas riquezas e thezouros, com as suas minas e vegetação inexaurivel, se podesse a lingua portugueza ser apreciada por todas as nações cultas do velho continente.

Desertos infindos, regiões desconhecidas e envolvidas por um veo mysterioso, lagos phantasticos onde o espirito do indigena julga enxergar cidades encantadas, o Chimboraso, o Nevada de Sorota com suas neves eternas, o Itacolomi, o Titicaca, o Amazonas, Paulo

Affonso, o Prata, as lendas da celebre Manôa, os Incas e suas tradições; tudo isto não pôde deixar de ser uma fonte perenne de inspirações poeticas.

Tal é a fecundidade d'esta poesia espontanea, e não de simples convenção, tal o seu brilho e vigor, que os naturalistas os geographos, os astronomicos por mais que se esforcem em auzental-a de seus tratados, onde muito e muito se faz mister a concisão, não podem fugir aos sollicitos afagos da prodigiosa natureza, que se propõem a analysar simplesmente como homens da verdade, da sciencia, da investigação e do calculo.

Quem mais do que Humboldt revelou até onde pôde chegar o sentimento das bellezas naturaes??

Basta abrir qualquer livro de viagem, ou roteiro, qualquer livro escripto pela penna de um naturalista sob a impressão dos vastos desertos e verdejantes templos tropicaes, para ser verificada a exactidão das minhas palavras.

Ahi a natureza, reproduzida pela machina photographica, apenas mostra-se descarnada, sem o reflexo do raio dourado do genio, sem a revelação entusiastica do poeta, sem os seus arroubos emfim.

Entre muitas peças, apreciaveis debaixo deste ponto de vista, não me eximirei de citar-te o *Espaço Celeste* de Liais.

Neste trabalho é o astronomico, cuja imaginação deve já estar mirrada pela continua e aturada combinação de algarismos, quem desprega por um momento os olhos dos astros para, em bellissimas divagações, photographar uma noite de luar na floresta, por exemplo, uma tempestade nas embastidas selvas que cobrem os rios, os estragos de um raio, os effeitos de uma tromba d'agua devastando campos immensos, bosques inteiros, taes quaes elle vio, apreciou e analysou como philosopho.

No entanto em face de um quadro, qualquer assim traçado dir-nos-hiamos collocados ante a mesma realidade. Deixamo-nos apoderar dos mesmos terrores por que passa o viandante perdido no meio desses oceanos

de verdura; cremos ouvir o ruído do vento na copa das arvores, o rugir do jaguar nos recessos que o occultam; julgamos ver um phantasma aterrorador em cada palmeira que recebe lá ao longe o fróuxo clarão do astro da noite; afinal uma rajada de vento parece trazer-nos o balsamico aroma das flôres e arrebatam-nos de um mundo tão cheio de sombras e mysterios.

Agora, meu amigo, em lugar de um espirito analytico, destituído da *mens diviniór*, que só a espaços arranca-se do seu característico positivismo, para electrizar-se diante dos esplendores da criação, colloca uma imaginação delirante, um espirito lamartiniano, uma alma ardente que por si só seja capaz de abraçar-se ao fogo da inspiração, e diz-me, quaes serão os resultados desta trasmutação? De certo os fructos mais bellos e originaes que nos é dado imaginar! Outra coisa não é possível esperar de tão uberrimos terrenos, fecundados pelo humus divino.

Eis aqui debaixo de que ponto de vista litterario me tem apparecido a natureza virgem da America e com especialidade a do nosso Brasil: Eis a razão por que teem se elevado, segundo penso, acima da generalidade dos poetas dos seculos modernos, aquelles que hão se identificado com os gigantescos poemas da criação traçados pelo poeta dos poetas.

Infelizmente, porém, a mocidade de agora parece hesitar... Abandona tudo quanto é nosso, propriamente nosso, parece até ignorar a existencia das suas ricas fontes, e nem mesmo liga valor a historia brazilica na parte em que ella é uma verdadeira epopea. Que attenção lhe póde merecer a lucta do colono com a excentrica indole do indigena, da civilisação com a selvageria, si o seu espirito, desapegado das coisas patrias, só se nutre do que é europeu e só europeu!

O que valem a guerra dos Hollandezes, a expedição do Maranhão, a expulsão dos Francezes do Rio de Janeiro, a revolução de Minas e a de 17, diante da invasão dos Francos e da revolução de 89? Nada, de certo, para quem não tem amôr fanatico por tudo quanto é

de seu paiz, amôr que exagera sempre, é verdade, mas que ennobrece, e não foi em balde encastado por Deus no coração do homem como uma de suas joias mais apreciáveis.

Nem ao menos os nossos jovens, não querendo falar mais na escolha dos assumptos de suas composições, procuram aprimorar o estylo ao som harmonico das brisas da terra em que vivem, dando-lhe um colorido seu e original. Ao contrario julgam que a sublimidade no estylo só se attinge com a imitação de uma escola perigosissima, hoje mui seguida entre nós, e com o emprego de certas expressões, que Longino já em seu tempo condemnava como intoleraveis, quando reputava ridiculo e desprezivel o dizer-se — *Boreas tangedor de frauta, e tranças de fogo*—, e reprovava no poeta Leontino de Gorgias o chamar a Xerxes—o *Jupiter dos Deuses*, e aos abutres—*sepulchros animados*.

Se dermos credito ao que diz Pierron no seu *Curso de litteratura grega* acerca daquelle critico, poucas vezes se enganou elle em seus juizos litterarios; e se não me illudo foi um grande adivinhador, logo que proclamou em seu Tratado do Sublime o celebre axioma de que nada ha mais secco neste mundo do que um hydropico.

Esta falta de originalidade, até no estylo, já lamentava em 1847 o Sr. Pereira da Silva nos seus *Varões illustres do Brazil*, sentindo com verdadeira dôr de coração que os poetas dos tempos coloniaes, taes como Alvarenga, Claudio Manoel da Costa e outros, fossem tão ingratos para com o seu torrão natal, e não passassem por isto de meros copistas das litteraturas estrangeiras. E se o illustre biographo tinha razão referindo-se a tempos tão remotos, porque não o terei eu hoje em épochas de tantas reformas e engrandecimentos?

« O filho dos tropicos, » disse Casimiro de Abreu, que teria sido um dos nossos poetas mais nacionaes, se a morte o não ceifasse tão cedo, « deve escrever em uma linguagem propriamente sua, languida como elle, quente como o sol que abrasa, grande e mysteriosa como as suas mattas seculares. »

Em todas estas reflexões fiquem, pois, firmadas as minhas predilecções litterarias; julgo-as bastante autorisadas para não despreza-las por mais infeliz que venha a ser nas minhas tentativas.

Esta carta já vai um pouco longa, entretanto não a terminarei sem fazer-te algumas considerações com referencia ao que disseste acerca dos meus—*Contos brasileiros*.

Elevaste *Tabyra* a uma altura que elle não merecia, nem teve ainda a pretensão de merecer.

No caracter deste personagem apenas procurei, o mais possivel, approximar-me da natureza do selvagem; isto é, do modo por que os chronistas e homens da sciencia, immediatos observadores, o tem apresentado.

Com effeito nenhum povo tem apresentado um caracter tão excepcional como essa raça, que outr'ora povoava toda a região da America.

Quasi enigmaticos para aquelles que os procuravam estudar os selvagens do Novo-Mundo pareciam assemelhar-se aos Francos pela ferocidade, e aos Gaulezes pela estrutura de suas idéias religiosas. O que os tornava porém verdadeiramente originaes era o seu estoicismo descommunal em todos os actos da vida.

Indifferentes para com o resto do mundo, só tinham um amor e um culto perfeito; e este amor e este culto era o da liberdade, que constituia-lhe toda a vida, e que era a sua alma e o seu paraizo.

« O indio, diz Emilio Carrey, apenas tem um amor no mundo que é a sua liberdade: mas uma liberdade completa, absoluta, sem limites: não como a nossa, mesquinha, limitada, uniformisada, despotica e sanguinaria, encadeiada por todos os musculos aos prejuizos, ás leis, aos contractos, ás necessidades e ás vaidades estupidas da sociedade onde vivemos, e que não passam de uma rêde de ferro, que coarcta o homem civilisado nas suas mais insignificantes accções; ou de um sudario immenso, que o abafa e aniquila. O indio é o poldro indomito e rebelde sem freio d'aço, nem aureas rêdeas.

O indio a ninguem reconhece e se submete, a não ser a seu capricho. »

Ainda não houve quem melhor definisse o selvagem debaixo do ponto de vista do caracter livre e indomavel, que lhe é proprio.

Em sua vida cheia de poeticos incidentes os indios apresentavam quadros realmente dignos dos mais habéis pinceis. As suas luctas, por exemplo, tremendas e assustadoras, resentiam-se de uma feição por tal fórma estranha e admiravel, que seriam capazes de rivalisar com os combates dos heroes homericos, se um dos nossos poetas nacionaes, verdadeiramente compenetrado de sua magnitude, se encarregasse de descreve-las.

Os guerreiros indigenas não se desafiavam solemne-mente, nem discursavam por tanto tempo como os helle-nos ou troyanos antes de travarem a lucta.

Estes em cima de dourados carrros, revestidos de suas brilhantes armaduras, sobrançando o enorme broquel, historiavam primeiro as suas façanhas, qualidades, e ascendencia divina, e insultavam os inimigos, para então lançarem-lhes, cheios de colera, os terriveis dardos, que estalavam de encontro aos escudos como os raios de Jupiter sobre o Caucaso. Assim combatiam Patroclo e Sarpedon, Achilles, semelhante aos deuses, e o divino Heitor.

Os selvagens, entretanto, menos sumptuosos na apparencia, eram mais terriveis na escuridão das selvas, por onde reluziam as suas pupillas de jaguar. Ora escondidos nas moitas ; ora identificados com os troncos das arvores dos quaes só se destacavam quando um silvo mysterioso atravessava as selvas de um extremo a outro ; ora surgindo da copa das palmeiras como se fossem os genios das florestas ; ora derrocando rochedos, mudando o curso dos rios e infestando regiões inteiras das mephticas exhalações de um veneno estantaneo ; ora levando com suas settas inflammadas o incendio a mattas e aldeias inteiras ; ora acompanhados dos seus planos horrorosos, de que, uma vez empenhados em guerra de exterminio, não se apartavam uma pollegada ; quasi

mudos, pouco communicaveis, impenetraveis em suas inclinações, incapazes de uma lagrima, e com o *tacape* sempre prestes a suspender-se sobre a cabeça d'aquelle, que trahisse pelos gestos o menor signal de receio, eram os guerreiros vermelhos muito mais dignos de admiração, do que os homens de ferro do antigo continente transformados em torres ambulantes.

O guerreiro helleno, cahia como um cedro do Libano empellido pelos ventos do norte; o crepe da noite eterna envolvia-lhe o cerebro, e as armas retiniam debaixo de seu peso. Antevendo, nas vascas da morte, os horrores do Cocyto, elle o temia e implorava a vida.

O habitante das selvas, ao contrario, impassivel, jungido ao tronco de uma arvore, soffria mil mortes apparentes e mais terriveis ainda do que a verdadeira, sem que os seus musculos cedessem a minima emoção ou medo, e cercado e crivado de frechas, reduzido a ser, antes de perder o ultimo alento, o alvo dos esforços e destrezas de seus adversarios, ria-se e cuspiam-lhes no rosto, contando, muita vez, que sua morte trouxesse comsigo o completo aniquilamento do inimigo. Era nobreza sua, bem ou mal entendida, morrer da morte a mais brutal. Se pôde nisto haver algum prazer, elle o tinha.

Inabalaveis, como já disse, em seus planos, eram os indios, ainda, bem semelhantes ao furacão percorrendo as florestas; nem os abysmos, nem as cataractas, nem os rochedos, nem o fogo, nem a conspiração dos elementos eram capazes de embargar-lhes o passo, e demove-los da realisação de uma vingança, ou da defeza daquelles entes, a quem estivessem presos pela rara dedicação. Tão terriveis no primeiro caso, quão providenciaes no segundo!!

O Satanaz de Milton, procurando, por todos os meios infernaes, perder o genero humano, não era mais astuto e perverso do que o *Magua* de Cooper, quando tentava desforçar-se do coronel *Munro*, justamente nos entes que mais lhe pertenciam ao coração.

Um anjo não é mais previdente do que o *Pery* de J. de Alencar.

Formar, pois, do resultado de todas estas observações um ideal e apresenta-lo artisticamente desenvolvido em um poema ou romance, eis o que do seculo passado para cá tem aventurado alguns espiritos mais emprehendedores e entusiastas.

Chateaubriand foi um dos primeiros. Posto que, porém, fosse grande conhecedor dos costumes indigenas; como mostrou em sua *Viagem á America*; embora tenha sido considerado, e com razão, o primeiro pintor da natureza, não sei pôr que contraste, falha e decae completamente na pintura dos caracteres. Todos os que tem escripto sobre esta materia são concordes em dizer que os seus selvagens não passam de meros europeus pintados de azul e vestidos de pennas.

Talvez que nisto muito influisse o ardor religioso com que o poeta compoz o *Genio do Christianismo*.

Marmontel, que escreveu antes de Chateaubriand, comquanto fosse feliz em algumas passagens dos *Incas*, teria deixado de ser um poeta americano, desde que tirassem de suas obras os habitos e costumes selvagens. Seria, no tom com que descreve o Novo Mundo, quer pelo lado moral, quer pelo lado material, um verdadeiro grego. Até as suas paisagens resentem-se deste defeito; dir-se-hia ainda ouvirnellas o canto das cigarras e dos rouxinões, a fruta do pastor e o balido das ovelhas. Isto de certo nunca poderá conyvir ás magestosas regiões da America.

A descripção que o autor dos *Incas* faz de uma das Antilhas parece antes ser a da ilha de Calipso. Marmontel não pinta a America, pinta a Grecia. *Atahualpa* é um sacerdote de Jupiter, e as suas filhas são antes nymphas do que trigueiras habitadoras dos tropicos. Os indios afinal alli se apresentam completamente desnaturados e ao sabor hellenico; são mansos, ao seu modo de ver, e virtuosos até o ponto de podêrem dar lições de moral ao velho continente; e nem se quer transpারে no meio de tudo isto o fundo de seu caracter,

posto que modificado pela apregoada civilização do Perú e Mexico.

Entre nós, porém, já neste sentido, bons ensaios têm surgido a lume.

Durão e principalmente J. Basilio da Gama, embora não houvessem attingido o alvo, trataram destes assumptos com uma vantagem immensa, e justamente reconhecida, sobre os autores supracitados.

Os heróes do *Caramuru* afastam-se a perder de vista do *Chaclas* de Chateaubriand, e fazem correr como gralhas aos índios de Marmontel. E os *Cacambo*, e *Cepê* de Basilio da Gama, por sua vez também superiores aos *Gupeba*, *Sambambaia*, *Pecicava* e *Jararaca* não foram em balde elogiados por Fernando Deniz em sua *Historia da litteratura brazileira*.

Leiamos o canto 3º do *Uruguay*, e vejamos com que astucia o heroe deste poema persegue, e leva o fogo aos arraiaes e tendas dos portuguezes :

« Accorda o indio valeroso, e salta  
 Longe da curva rêde e sem demora,  
 O arco e as settas arrebatada e fere  
 O chão com o pé: quer sobre o largo rio  
 Ir peito a peito a contrastar com a morte.  
 Tem diante dos olhos a figura  
 Do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes.  
 Pendura a um verde tronco as varias pennas  
 E o arco e as settas e a sonora aljava;  
 E onde mais manso e sereno o rio  
 Se estênde e espraia, sobre a ruiva arêa,  
 Pensativo e turbado entra; e com agua  
 Já por cima do peito as mão e os olhos  
 Levanta aos ceos, que elle não via, e ás ondas  
 O corpo entrega. Já sabia em tanto  
 A nova empreza na limosa gruta  
 O patrio rio: e dando um geito a urna,  
 Fez que as aguas corressem mais serenas;  
 E o indio affortunado a praia opposta  
 Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta

Da margem guarneçada e mansamente  
 Pelo silencio vai da noite escura  
 Buscando a parte d'onde vinha o vento.  
 Lá como é uso do paiz, roçando  
 Dois lenhos entre si desperta a chamma,  
 Que já se atêa nas ligeiras palhas,  
 E velozmente se propaga. Ao vento  
 Deixa *Cacambo* o resto e foge a tempo  
 Da perigosa luz; porém na margem  
 Do rio, quando a chamma abrazadora  
 Começa a alumiar a noite escura,  
 Já sentido das guardas não se assusta,  
 E temeraria e venturosamente  
 Fiando a vida aos animosos braços,  
 De um alto precipicio ás negras ondas  
 Outra vez se lançou, e foi d'um salto  
 Ao fundo do rio a visitar a arêa.  
 De balde gritam, e de balde ás margens  
 Corre a gente apressada. Elle entretanto.  
 Sacode as pernas e os nervosos braços:  
 Rompe as espumas assoprando, e a um tempo,  
 Suspendido nas mãos, e voltando o rosto,  
 Via nas aguas trémulas a imagem  
 Do arrebatado incendio e se alegrava. »

Por mais bella porém que seja esta descripção, por mais *brazilico* que seja o vulto de *Cacambo*, não pôde escapar o autor á censura de ter dado ao seu heroe algumas qualidades, que não pertencem ao selvagem americano. O amante da poetica *Lindoya* é um pouco parlador e discursista, e discute as vezes com o general Gomes Freire de Andrade a cerca dos seus direitos de uma maneira capaz de causar inveja ao mais habil diplomata; e seria para desejar que a sua linguagem fosse mais repleta desse esplendido colorido, que tanto encanto soe dar a estrutura da phrase do selvagem.

Quem, porém, segundo pensam todos, veio dar, por assim dizer, quasi a ultima palavra, a tal respeito, foi o autor do *Ultimo dos Mohicanos*.

*Uncas*, o heroe do celebre romance, reúne tudo em si: não diz palavra quando obra e « deixa que suas acções fallem por si. » A sua linguagem matizada pela natureza, que rara vez o obriga a soltar a voz dos labios, é toda parabolica e cheia de encantadores mysterios. Os perigos para elle não existem, e quando por ventura se lhe antolham « torna-se seu semblante inacessivel a emoção, e permanece tranquillo e frio como o marmore. »

Só a leitura d'aquella obra inteira póde dar uma idéa exacta da habilidade com que Cooper soube aperfeiçoar aquelle typo de dedicação selvagem.

*Chingachgook, o Grande Serpente*, é outro vulto que não desmerece do primeiro. O amante da melancolica *Wah ta-Wah* nunca arrancou-se de sua taciturnidade para defender a vida só pela vida, e basta isto para que seu elogio esteja completo.

Entre nós a Cooper correspondeu logo Gonçalves Dias.

Os seus indios, embora tenha nelles Pinheiro Chagas encontrado os mesmos defeitos que nos de Chateaubriand, me parecem muito approximados ao ideal que tenho formado. Poder-se-ha notar uma tal ou qual falta de colorido na linguagem dos seus heroes, porém nunca falsificação de character.

Entretanto o verdadeiro rival de Fenimore é J. de Alencar. E sirva isto, meu amigo, de resposta á arguição que nos fez o sympathico portuguez, autor da *Virgem Guaraciaba*, quando disse, nos seus primeiros Ensaios Litterarios, que já tínhamos algum Washington Irving, mas Cooper ainda nenhum.

*Pery*, no meu fraco pensar, parece reflectir em si tudo quanto de bello e esplendido póde haver no rico torrão, em que estavam outr'ora assentes as *tabas* sagradas de seus antepassados.

Receio dizer que *Uncas* ceder-lhe-hia o arco de chefe, se porventura concorressem ambos ao mesmo lugar em um tribu.

*Pery* é a perola selvagem do sul. O autor apraz-se em apresental-o no meio da floresta em lucta com a fera indomita, que é logo por elle vencida e subjugada. O rei altivo das selvas só quer com isto satisfazer o capricho de uma creança que constitue-lhe toda a vida, e que é para elle uma verdadeira religião. Esta religião é a encantadora e innocente Cecilia, que, inconscia dos perigos que a cercam nos altos sertões do Brasil, corre afoita pelos prados e bosques, que orlam a habitação onde todos a consideram o anjo do bem; e o selvagem, temendo que tudo a offenda ou moleste, com seu arco e frechas estabelece um circulo impenetravel em roda da gentil menina, dentro do qual a ninguem é dado penetrar. Tal é a sua solicitude fanatica pelo objecto maravilhoso de seu culto, que nem uma folha, nem uma borboleta consegue roçar o rosto de *Cecy* impunemente; e traspassaria com a setta o proprio pensamento máo que para ella se dirigisse, se isto estivesse nas raias do possível.

J. de Allencar por este modo quiz apresentar o typo do selvagem por um dos seus lados mais admiraveis e menos explorados até hoje—a rara dedicação; e sem d'elle auzentar todos os predicados, que já tivemos occasião de notar em *Uncas*, elevou-o ao maior gráo de originalidade, que é permittido imaginar.

Se ha porventura alguma falta em *Pery*, consiste esta sómente no demasiado sentimentalismo de que elle se adorna, assim como tambem na abdicção cega que faz da liberdade para acorrentar-se como um escravo submissó aos pés d'aquella a quem em sua rude linguagem chama *Yara* (senhora.)

Entretanto o autor soube habilidosamente consorciar tudo isto; e se por um lado fere de algum modo o character do selvagem, por outro concede-lhe essas parcellas de maravilhoso, que tanto soem embellezar a sua criação.

Na *Iracema*, do mesmo poeta, o indio ainda mais sobe de ponto. Ahi o tom já não é de um romance, é de um poema.

Não ha neste livro admiravel uma fagulha de estylo, que deixe de revelar, nas côres mais iriantes e tropicicas, a indole, os côstumes, e a linguagem matizada do habitante das selvas.

Não foi por outra razão, de certo que o capitão Burton o transplantou para a lingua dos Milton e dos Byron, senão porque ahi encontrou os caracteristicos de uma verdadeira raridade de nossa terra.

E, com effeito, o que pôde haver de mais original do que o vulto do indigena *Poty*, tão conhecido na historia, e que naquelle trabalho apparece completamente identificado, pelo talento do autor, com a natureza do vermelho amphibio de que tirára o nome, ora surgindo da face lisa de um lago coberto de lodo, ora rojando-se vagarosa e silenciosamente pela terra para salvar o irmão branco, que, entre os inimigos, ao pio da coruja, appella para o seu socorro ? !

Basta, meu amigo; estou cansado de experimentar emoções.

Assim tenho eu comprehendido o selvagem da America; e foi depois de ler alguns dos nossos chronistas, tendo sempre em vista tão bons mestras como aquelles, que me abalancei a esboçar, esboçar apenas, o typo do meu *Tabyra*.

Não sei se consegui realizar as minhas intenções. Que ellas são puras e desituidas de pretensão, garanto-te eu, e neste ponto creio que me comprehendeste perfeitamente.

Oh, meu amigo, como é difficil e doloroso realizar uma idéa que nos impressiona e de que nos apoderamos!? Eis o que intimida a nós moços toda vez que fazemos uma tentativa, principalmente quando depois de algumas vigílias, julgando-nos já de posse do scopo almejado, esbarramos frente a frente com a frieza e displicencia daquelles de quem esperavamos alguma animação!

Foste o unico de quem me veio alguma animação na minha exigua tentativa litteraria. Mas, agradecendo de todo o coração a sinceridade com que me trataes, de-

clarar-te-hei aqui mui positivamente que jamais trepidarei em proseguir no caminho empreendido, muito embora sejam condemnados ao eterno olvido tantos quantos livros venha ainda a fazer para o futuro.

Que importa o resultado, se satisfaco uma necessidade de minha alma; se isto é uma paixão; se na propria satisfação que experimento apoz o perfeito ou imperfeito desenvolvimento da idéa, que me enche o espirito, vou encontrar a recompensa do meu trabalho.

Quereria sempre ver até onde poderia chegar o brilho das côres com que os selvagens desenhavam os seus arcos e as suas frechas; tanto mais quanto sinto-me mais forte e robusto desde o momento em que procuro apropriar-me dos matizes de sua linguagem, o que não acontecia; posso assim dizer, há bem pouco tempo, quando aqui e acolá coxeava em um ou outro ensaio litterario sobre assumptos piegas, onde desde a linguagem até o estylo tudo voava pelos ares.

Como o mineiro pertinaz irei entranhar-me nas grotas e cavernas de minha patria; e ainda mesmo que isto venha em detrimento dos estudos, que me solicitam de mais perto, dellas não me afastarei, tendo certeza de que jamais me hei de arrepender de um passo, que talvez muitos julguem não acertado.

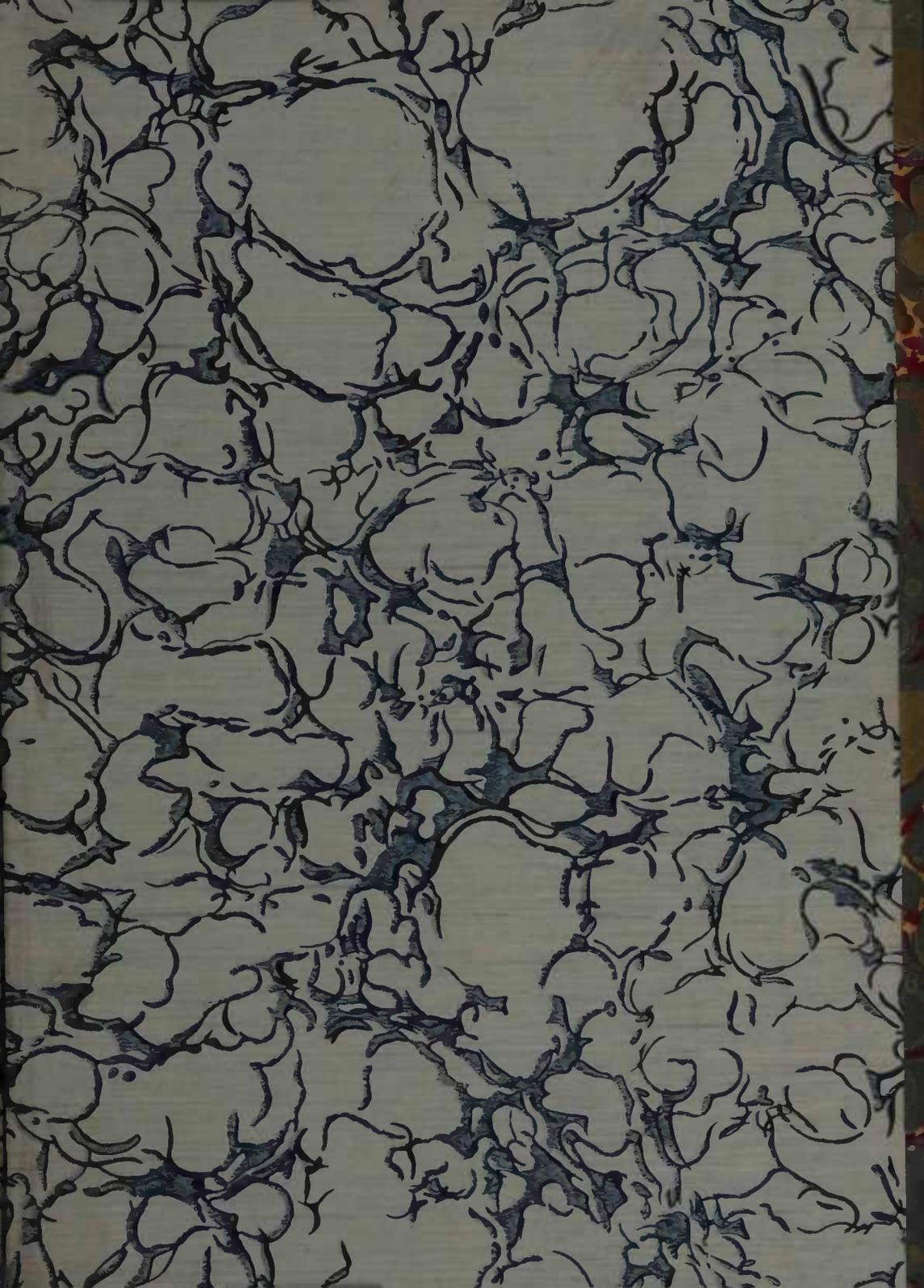
Adeus.

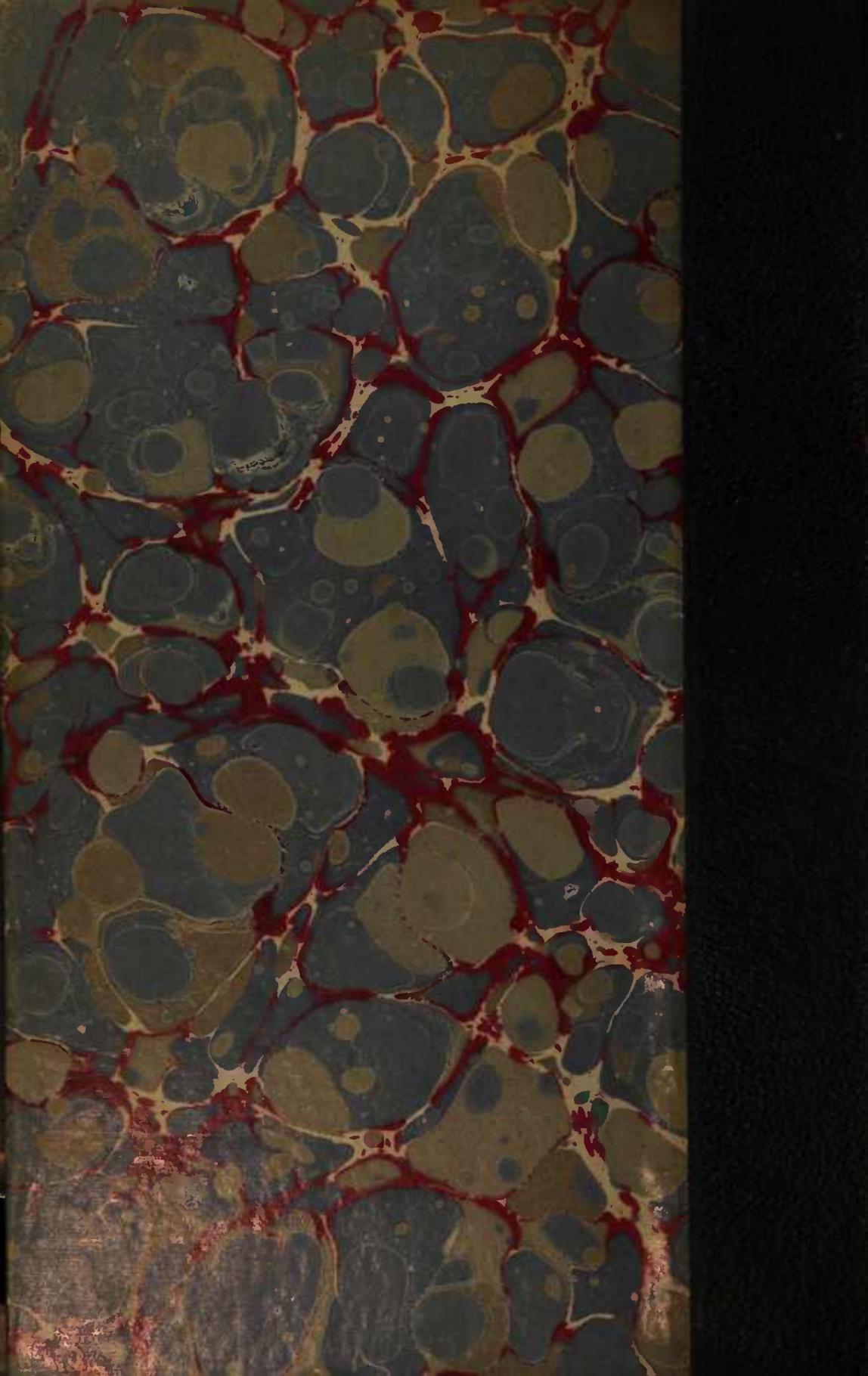
Recife, Junho de 1869.

TRISTÃO DE ALENCAR ABARIPE JUNIOR









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).